

**BIBLIOTECA
UNEMAT**

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG N.º 13719

Data 06 / 06 / 2008

() Compra (x) Doação () Permuta

**ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

ELIANE LUCÉLIA DA SILVA DUTRA

**A FIGURAÇÃO DA HISTÓRIA DO BRASIL NA OBRA "CARAMURU"(1781), DE
SANTA RITA DURÃO**

82.09
D9782
21.01
C9256 8956

**Pontes e Lacerda/ MT
2007/II**

**ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

ELIANE LUCÉLIA DA SILVA DUTRA

**A FIGURAÇÃO DA HISTÓRIA DO BRASIL NA OBRA “CARAMURU” (1781), DE
SANTA RITA DURÃO.**

Monografia de conclusão de curso de graduação em
Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL)
da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus
Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito
Parcial para obtenção do Título de graduado em
Letras. Orientador(a): Professora Ms. Maria Inês
Parolin Almeida

BANCA EXAMINADORA

Aprovada em: __/__/__

Nota: ____

ORIENTADORA: PROF^a. Ms. MARIA INÊS PAROLIN ALMEIDA

BANCA EXAMINADORA: PROF^a. WALMIRA SODRÉ AUSTRIACO MORAES

BANCA EXAMINADORA: Dra ELIANA DE ALMEIDA

*Dedico este trabalho a minha
família, meus pais Edson e Maria
a meus irmãos, Elaine e Agno e a
todos que me incentivaram e me
apoiaram nos momentos que mais
precisei.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Inês Parolin por ter aceitado a me orientar e por me incentivar. Foi pela maneira desta dar suas aulas que me fez ser uma apaixonada pela literatura, pois esta fala de uma maneira das obras literárias que faz com que seus alunos se apaixonem também.

Agradeço também minhas colegas de turma Telma, Silviane, Michelle, Vanuza e Rosilene Gonçalves pelo apoio, a amizade e por terem ficado do meu lado quando mais precisei.

"Enquanto o telégrafo nos dava notícias (...), coisas que entram pelos olhos, eu apertei os meus para ver coisas miúdas, coisas que escapam ao maior números, coisas de míopes. A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam."

(Machado de Assis)

RESUMO

A obra *Caramuru* (1781) de Santa Durão, traz fatos interessantes a serem analisados, sendo assim tomei como objeto de análise o aspecto histórico e ficcional presente na obra.

A obra de Durão tem como enredo o naufrágio de Diogo Alvarez Correia próxima a Bahia. Diogo ao entrar em contato com os nativos da terra, percebe que estes possuem rituais que ferem os ideais cristãos, passando assim a catequizá-los, fundando um imaginário de pátria para o Brasil, fazendo assim que se compreenda a história do Brasil, a nossa colonização.

Para relatar alguns fatos sobre o Brasil, o autor se apropria de relatos de cronistas de sua época sobre o Brasil, principalmente sobre a fauna e a flora do país. O cronista que utilizamos para esta análise foi o Rocha Pita, o *Livro Primeiro* da obra “História da América Portuguesa (1730)”

Palavras chaves: história, ficção, apropriação, colonização.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
I- FORTUNA CRÍTICA	10
II- A APROPRIAÇÃO DOS FATOS HISTÓRICOS PARA A ELABORAÇÃO DO POEMA DE DURÃO	17
III- CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
IV- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

INTRODUÇÃO

Neste trabalho nos atentamos para a Figuração da história do Brasil na obra Caramuru (1781) de Santa Rita Durão. Desse modo, foram elencados todos os procedimentos utilizados pelo narrador para que pudéssemos perceber o que esta obra esta significando para a história do Brasil.

A fortuna critica da obra nunca discutirão sobre este aspecto presente na epopéia de Durão a não ser Eneida Leal Cunha em Estampas do imaginário, que faz uma breve discussão sobre este dado.

Para esta analise nos atentaremos para os capítulos I, VI, VII e VIII bem como das reflexões prévias da obra e o Livro Primeiro da História da América Portuguesa (1730) do cronista Sebastião da Rocha pita.

I- FORTUNA CRÍTICA.

A problematização entre história e poesia vem desde a tradição grega. O filósofo grego Aristóteles, em “Arte Poética” no capítulo IX (400 a 300 a.C), fala de poesia e história, define como mito a representação daquilo que poderia acontecer dentro possível, já que a função da história seria relatar os fatos verídicos, os que realmente sucederam.

... não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa, (...) diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por “referir-se ao universal” entendendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia (...) (Arte Poética, p.451).

A partir desta visão de Aristóteles, refletiremos sobre um aspecto presente na obra “*Caramuru*” (1781) de Santa Rita Durão (1722-1784): O que essa obra está significando da história do Brasil. O que é mito e o que é história (narração de fatos tidos como verídicos) no imaginário de Pátria criado por Durão, que significa pensar como a ficção e a escrita da história se relacionam para construir o imaginário que circula sobre o Brasil, desde o século XVIII.

Para criar o seu imaginário de pátria, Durão usa como matéria prima o relato do naufrágio de Diogo Álvares Correia próxima à Bahia feito pelo cronista Rocha Pita no século XVI. Sobre isto, Cunha, em “Estampas do Imaginário” (2006), afirma que: “Durão recupera o fracasso do empreendimento lusitano (dado tido como histórico), o

naufrágio com o imaginário instituinte repostado como índice do sucesso futuro da missão religiosa” (p.55).

Durão deixa de lado o caráter verídico do fato que envolve a origem da nova terra para criar uma relevância de domínio religioso.

O autor articula as narrativas dos fatos tidos como reais e os relatos míticos para criar um poema épico verossímil, dando “ar” de verdadeiro ao enredo, Exemplo disso é criação de personagens míticos e a transformação destes em verídicos como a personagem “Moema” e os relatos históricos se embicando no mítico, o descobrimento da Bahia, criando uma noção de história fundante do Brasil. Isto justifica de certa forma a nossa tradição religiosa já que na obra de Durão a colonização da Bahia é feita a partir da catequização do índio.

Com sua obra Durão queria traçar uma identidade ao Brasil, colocando-a em paritaría com outras grandes nações que possuíam um poema de caráter grandioso, em que se narram os grandes feitos de seus heróis, assim como Virgílio com “Eneida” (10 a. C) e Camões com “*Os Lusíadas*” (1572). Este que serviu de modelo para Durão compor o seu poema épico. Holanda em “Mito Americano”(2000), diz que: “Seguir um semelhante modelo não era praticar um ato de servil humildade, nem, e muito menos, ceder a uma convenção caduca.”(95)

Durão utiliza-se do modelo clássico para criar a sua própria forma de poesia, talvez a epopéia seria a única forma dele descrever toda a beleza de sua pátria, já que foi o amor à Pátria que o instigou a escrever seu poema.

Ainda sobre o modelo e a “cópia”, já que a obra é criticada como cópia, Cunha fala que ao tomar “*Os Lusíadas* como modelo, Durão mostra a vontade de instituir histórica e literariamente as novas terras, articulando através do seu manifesto

presente nas reflexões prévias “O amor a pátria”, as diferenças históricas e geográficas entre Brasil e Índia.(50)

Talvez o autor queria apenas corrigir a obra de Camões, pois este não relata o episódio do descobrimento do Brasil em seu poema.

Em suas reflexões prévias, Durão deixa claro que é o amor a Pátria que faz compor seu poema, fazendo com que se compreenda através deste a história do nosso país, “... *Incitou-me a escrever este o amor da Pátria (...) A ação do poema, o descobrimento da Bahia (...) compreendendo em vários episódios a história do Brasil*”.(Reflexões prévias, p.5). Esse gesto de Durão põe o Brasil no cenário literário ocidental com o seu poema de argumento histórico.

Sobre o fato fictício ou histórico, Durão trabalha com relatos de fatos acontecidos no século XVI, com a narração de Diogo a Du Plessis sobre o descobrimento do Brasil e com relatos de fatos acontecidos já no século XVII como as guerras acontecidas entre os Portugueses e Holandeses, colocando-as como sonho (Presságio) de Paraguaçu que narra os acontecimentos a Diogo, dando a entender que será o futuro do Brasil, fazendo assim uma inversão temporal: “escrito depois, para ser lido antes”.

Durão elege o período áureo da expansão portuguesa de colonização e fé para compor seu enredo, mas ele escreve já no final do século XVIII, com a contra- reforma já instaurada, Durão lida assim com as contradições da sua época para particularizar o passado de sua obra.

A tradição religiosa que se instaura na obra, se confirma também através do sonho de Paraguaçu, quando esta vê a imagem de uma santa nas mãos de um índio (esse dado pode ser tido como um fato histórico, se referindo ao aparecimento da imagem de

Nossa Senhora de Aparecida, em 1717). Ou seja, o Brasil aparece originalmente sobre o auspício religioso cristão.

Ao longo do século XX a obra de Durão é vista pelos críticos literários com uma certa desconfiança, até porque nesse século a obra não teve grandes repercussões, sendo menos publicada que a de Basílio da Gama "*Uruguai*" (1769). Os críticos modernos têm uma certa resistência à obra por ela ser uma epopéia escrita no Arcadismo século XVIII, relatando fatos do século XVI, sendo considerada uma obra passadista, anacrônica por retomar o clássico já na época do Arcadismo e também por ser eleita como tradição dos românticos.

Ao compor uma epopéia no século XVIII, e esse século não ser mais a era dos clássicos (ático) e não ter como base uma epopéia, Durão copiou, como já dissemos, toda a estrutura do poema Camoniano; os mesmos números de Cantos e de Versos, mas isto também pode ser justificado pelo fato de o poeta não ter até então nenhum vínculo literário, ele era apenas um frade que queria mostrar as nuances de seu país. Além disso, a tradição é repetição dos modelos no período. Aliás, o fato de Durão ser um frade justifica, segundo Antonio Candido em "Formação da Literatura Brasileira", o cunho religioso de seu poema. "A forte e sincera visão religiosa de Durão apara e dá significado ao *Caramuru*".

Diogo, ao naufragar próximo à Bahia e entrar em contato com os nativos da terra (índios denominados no poema como **bárbaros, Selvagens, fera gente**), impõe sua cultura sobre eles através da catequização.

Durão usa o meio da catequização não só para eliminar simbolicamente a Antropofagia, mas para instaurar no poema a condição colonialista. Bosi, em "História Concisa da Literatura Brasileira" (1994) diz que o índio é matéria prima para exemplificar certos padrões ideológicos e ao ser tido como o outro é regredido ao marco

zero quando antropófago ou como edificação do religioso. O herói um homem providencial veio ensinar ao índio as virtudes e as leis dos brancos, ou seja, o índio é o elemento fundamental para a colonização no imaginário de Pátria.

Com isso, na visão de Bosi, Durão segue o caminho oposto ao de Basílio da Gama que dá ao seu poema um enredo anti jesuíta. Sobre este aspecto, Antonio Candido diz que a obra "*Caramuru*" é na verdade uma resposta ao "*Uruguai*", pois o "*Caramuru*" é um poema jesuítico e colonial.

O autor de "*Caramuru*" faz, através de relatos de textos históricos de informação sobre o Brasil, principalmente do texto do cronista Rocha Pita "*História da América Portuguesa*" (1730) um relato minucioso sobre toda a fauna e flora do Brasil para criar um cenário para o poema, principalmente sobre as cenas de guerra entre as tribos da Jararaca e Gupeva. Podemos dizer também que Durão ao narrar sobre a fauna e flora do Brasil, busca apresentar através da ficção (já toda a descrição da fauna e flora são verídicos) com um toque de realidade, o seu imaginário de Pátria ao Velho Mundo.

Qual o tratamento que Durão dá ao dado tido como histórico? Em que instância relacionamos dois discursos? o enredo ficcional (cuja base é o mito) e o relato histórico (cuja base é o fato)?

Candido, em "*Estrutura Literária e Função Histórica*" fala que há três elementos básicos, mas que são fundamentais para a estrutura e enredo da obra "*Caramuru*": a colonização, a qual instaura ao brasileiro um caráter individual; A natureza, que é tido como a "visão do Paraíso" e o índio, o qual apresenta uma "bondade natural", mas antropofágico e bárbaro, possuidor de uma conduta moral que não combinavam com os ideais do branco, (homem civilizado).

Falando ainda sobre a antropofagia Cunha (2006) relata que a obra "*Caramuru*" oferece ao leitor duas representações distintas entre os cristãos e os índios,

a primeira propõe uma grande semelhança entre ambos, pois os dois temem uma mesma e única divindade. A segunda representação é a tarefa de demonstrar o que, no índio é tido como antagonista da ação heróica, e que fere frontalmente a ordem natural do mundo aos olhos civilizados.

O fato que compõe a segunda representação do índio, e que legitima a ação heróica de Diogo é a antropofagia, dando ao índio um caráter de selvagem, justificando assim a catequese e esta a colonização da Bahia (metáfora do Brasil), criando assim um imaginário de Pátria.

A obra de Durão apresenta, segundo Candido em "Na sala de Aula" (1995) duas ações opostas que caracterizam o poema; os conflitos (movimento) e os momentos de brandura (parada). Para que pudesse ser legitimada a catequese, o herói colonizador Diogo, utiliza-se de técnicas, que podemos classificá-las pela força como um ato de selvageria, pois impõe sua cultura sobre o índio através dessa mesma força bruta, da persuasão e com a chantagem, como podemos perceber neste trecho:

Aqui da frente o desvia
 Dos insetos co'a mão a espessa banda,
 E a Diogo, que assim se condoia,
 Um sorriso em resposta alegre manda.
 De que te admiras tu? Que serviria
 Dar ao vil corpo condição mais branda?
 Corpo meu não é já, se anda comigo,
 Ele é corpo em verdade do inimigo.
 (C, V).

Este trecho do poema como podemos ver, relata o momento em que um prisioneiro de guerra está sendo atacado por marimbondos, mas que rejeita a proposta de Diogo de se converter ao catolicismo e ganhar a liberdade ou morrer na prisão. Este índio, se o analisarmos com base em Aristóteles, diríamos que sobre ele é criado um

caráter elevado, pois se nega terminantemente a se sujeitar às vontades do herói cristão. Ele nega a se entregar o corpo.

Em todo o canto IV e V as cenas se contrastam com a visão de paraíso, descrito por Durão, pois a narrativa traz o derramamento de sangue e as cenas de esquartejamento, praticados por Diogo e sua companheira, já cristianizada, Paraguaçu.

Quanto à “parada” referimos às cenas leves, como as do canto IV, em que o autor narra em alguns versos Paraguaçu dormindo embaixo de um pé de maracujá, que para Candido é um dos trechos mais bonitos do poema. “são descrições onde entra a água, nos inter valo do fogo. Água com o vento brando e a flor, num ritmo corredio, que marca a suspeição provisória da violência”

Deste trecho de Paraguaçu dormindo embaixo do pé de maracujá pode se dizer que é o elemento que justifica a guerra entre as tribos de Jararaca e Gupeva. Jararaca ao ver a imagem de Paraguaçu refletida na água se apaixona por ela, mas esta já era comprometida com Diogo.

Este episódio também é considerado como a integração da literatura do Brasil no universo Americano, pois até então o Brasil não possuía Literatura.

Durão, apesar de todas as críticas que recebeu é um escritor fundamental para a literatura brasileira, o “Caramuru” foi a principal fonte do Romantismo tanto pelo indianismo, quanto pelo belo da mulher heroína.

II-A APROPRIAÇÃO DOS FATOS HISTÓRICOS PARA ELABORAÇÃO DO POEMA DE DURÃO

Tentarei analisar o aspecto, a figuração da História do Brasil presente no “Caramuru” a partir do tipo de relação que o texto de Durão estabelece com os textos dos cronistas, tidos como a gênese do gênero historiográfico. Este aspecto ainda não foi tomado pela fortuna crítica da obra.

Cunha (op.cit), faz uma breve discussão sobre este dado:

“É relevante a “solução poética” para a representação histórico da singularidade brasileira: o naufrágio, um fracasso do empreendimento lusitano, foi recuperado pelo imaginário e reposto por Santa Rita Durão como índice do sucesso futuro da missão religiosa.(...).Os ecos dessa transposição imaginária proliferam na cultura e nas artes brasileiras e vão emergir, atualizados, em representações posteriores da origem da nacionalidade.”(55)

Para compor seu poema, Durão utiliza-se de pesquisa nos textos de informação sobre o Brasil dos cronistas de sua época, Sebastião da Rocha Pita, com a obra “Historia da América Portuguesa”, Francisco de Brito Freire com a obra “Nova Lusitânia” e Simão de Vasconcelos sobre a História do Brasil, segundo Polito essa pesquisa ocorre devido a fato de Durão não estar morando no Brasil desde os nove anos de idade. p. XXII

Nesta análise me ocuparei em específico da obra “História da América Portuguesa” (1730) de Rocha Pita, pois **Caramuru** se apropria intensamente do *Livro Primeiro* deste autor, posto que os outros nove livros da obra tratam de episódios já posteriores ao século em que se ambienta a obra de Durão.

O motivo do enredo do **Caramuru** é o naufrágio de **Diogo Álvares Correia** próximo à Bahia, já que a obra retoma um episódio da narrativa do apogeu das grandes navegações e expansão portuguesa na América (século XVI).

O fato de Durão recortar como motivo o suposto acontecimento histórico do naufrágio de **Diogo** na Bahia é que nos faz pensar que a obra encena uma certa leitura da história do Brasil. Ele tece seu poema instituindo uma relação discursiva sobre o que já foi registrada como crônica de origem em que o autor se baseia é na investigação bibliográfica, que instaura a relação palavra-palavra para nos fundar. Esta relação se dá através da apropriação dos dados tidos como históricos registrados pelos cronistas para se criar uma estrutura ficcional híbrida que busca singularizar certas características registradas sobre o Brasil, como nosso aspecto natural, para se introduzir simbolicamente alguns elementos constituidores de “nossa” história, pela tradição religiosa no início da colonização da América portuguesa. Assim, acredito que o **Caramuru** está no centro da formação de um certo imaginário sobre a história do Brasil, e ele o funda a partir de uma relação de apropriação, ou seja, na história por significar- nos pela repetição, mas essa repetição busca nos incluir no cenário típico da cultura européia.

O Brasil é tido como a “Nova Lusitânia” na obra de Durão, é o “Império português em expansão”. Diogo é o herói providencial, que está destinado a colonizar a nova terra. Isto fica claro neste trecho do primeiro canto da obra:

IX

Da nova Lusitânia o vasto espaço
Ia a povoar Diogo, a quem bisonho
Chama o Brasil, temendo o forte braço,
Horível filho do trovão medonho:
Quando do abismo por cortar-lhe o passo
Essa fúria saiu, com suponho,
A quem do Inferno o paganismo aluno,
Dando o império das águas fez Netuno.
(C. C I. p 14)

Para entendermos melhor sobre o mito da fundação do Brasil veremos agora o que a crítica literária Marilena Chauí, em "Mito Fundador e Sociedade Autoritária"(2000), vai dizer sobre este assunto. Chauí apresentar três componentes que constroem o mito sobre a fundação na história do Brasil: o primeiro é a obra de Deus significando a natureza.

O "Paraíso terrestre" é a imagem mítica que representa o Brasil, substituindo a história, pois todos os dados do Brasil encontrados se referiam a natureza, o paraíso que estava esperando para ser "achado" pela providência Divina, já que estava previsto na Bíblia a descoberta de uma nação denominada como Jardim do Éden, assim como todos os registros sobre o país o denominavam, e até hoje o denominam como a Bandeira e o Hino Nacional-pelos quais são simbolizados as nossas riquezas naturais, ao invés de narrar a história do país.

Segundo Chauí, o mito fundador não está aqui apenas no sentido etimológico de feitos lendários, no sentido lato da palavra grega *Mythos*, mas também no sentido antropológico, já que a narrativa é tida com a solução imaginária.

O segundo componente é a "Palavra de Deus," representando a História, que vai se constituir pela "Providência Divina," o descobrimento da Nova Terra já estava Escrito, a história do país é sagrada, teológica.

O terceiro componente é a "Vontade" de Deus: o Estado, o Rei representa Deus na terra e não o povo; o político representa o Estado e não aqueles que o elegeram. No Brasil a relação entre representantes e povo é de favor, clientela.

Na obra "**Caramuru**", Durão se apropria da história teológica que circulava nos séculos seiscentos e setecentos sobre o Brasil. No canto VI, *Pedro Álvares Cabral* se configura como um personagem do poema ao tomar a voz de narrador e narrar o

episódio do descobrimento do Brasil como obra da Providência Divina. O Brasil não foi descoberto, mas sim “achado” como já disse. Isto fica bem claro nestes trechos:

LVIII

Mas combine-se o dia, o tempo, a hora.
Em que a alta Providencia aqui nos guia;
quando à ignorância Cristo o perdão Ora.
Quando morre na cruz, no próprio dia:
Na bandeira do mar triunfadora
Tremulamos as chagas com fé pia,
E nelas quis à grei, que em sombras langue,
Vir neste dia a oferecer seu sangue.
(C.C VI, p.198)

LIX

Goza de tato bem, terra bendita,
E na cruz do Senhor teu nome seja;
E quanto a luz mais tarde te visitas,
Tanto mais abundante em ti se seja:
Terra de Santa Cruz tu sejas dita,
Maduro fruto da paixão na igreja,
Da fé renovo pelo fruto nobre,
Que o dia nos mostrou, que te descobre.
(C. C VI. P 198)

Como podemos perceber, o efeito criado é de que foi o Poder Divino quem guiou a nau de *Pedro Álvares Cabral* para a nova terra, não tendo sido uma obra do acaso, por um simples desvio de rota; cumpriram-se aí os desígnios de Deus.

Alcir Pécora, discute em “O Modelo Sacramental” (2000), a história do homem se materializando na história divina em que ele diz que:

“No modelo católico da oratória sacra dos séculos XVI e XVII, pois, as Escrituras estão re-figuradas nos eventos, de tal modo que a história contemporânea aos pregadores é, especularmente, a versão mais atualizada do texto (...)” p.12

A história do homem é uma representação da palavra de deus na terra, os acontecimentos históricos é uma re-figuração da Escritura, ou seja, a história não é

autônoma, não acontece sozinha, estava previsto para acontecer, e são representada através de alegorias, imagens, ações.

Na obra de Durão é apresentada a palavra de Deus através das ações e as imagens como o naufrágio de Diogo na Bahia, para que se justifique o Estado cristão. Outra representação é a do paraíso, cuja descrição é encontrada nas Sagradas Escrituras.

Ao transformar *Cabral* em um personagem narrador, Durão dá a obra uma verossimilhança, pois narra o fato tido como histórico pela voz da pessoa, que “fez com que a historia acontecesse” (história do homem), tornando assim verídicos os fatos narrados,

Após a narração de *Cabral*, Durão toma para si a voz do narrador, onisciente mas continua a narrar sobre a chegada dos portugueses no “Novo Mundo,” mostrando assim a história do Brasil se constituindo

LX

Dizendo assim, ajoelha , e cruz entanto
 Sublime num outeiro se coloca;
 O exercito formado ao sinal santo
 Se prostra humilde, pondo em terra a boca:
 Pasma o gentio, e admira com espanto
 A melodia com que o céu se invoca,
 Hino entoando o cruz pios cantores,
 E respondendo as tropas e os tambores
 (C., c., VI p.199)

Justificando assim, o por quê o por quê de a nova terra ter recebido o nome de Brasil, depois de ser chamada de “Terra de Santa Cruz”, fazendo referência ao pau brasil, muito explorado no século XVI.

Ainda no canto VI, narra sobre a morte de “Moema.” O narrador aqui elimina simbolicamente o povo tido como “bárbaro” (isto ocorre quando ela tenta alcançar a nado o navio de Diogo, junto a outras índias) e instituir o Brasil como uma nação cristã,

pois o efeito é de que até então não havia efetivamente história do Brasil. Foi preciso que *Moema* morresse para que a personagem Paraguaçu (a bela eleita pelo herói) se estabelecesse na escrita da História como uma das personagens principais da colonização da Bahia, metonimicamente figurando o Brasil, pois após situar o Recôncavo, o narrador “desce” por todo o litoral conhecido até São Paulo, mas toda a ação do poema se passa no Recôncavo Baiano.

Episódio da morte de Moema:

XLII

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pálida a cor, o aspecto moribundo;
Com mão já Sem vigor, soltando o leme,
Entre as Salsas escumas desce ao fundo:
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a aparecer desde o profundo,
Ah Diogo Cruel! disse com mágoa,
E Sem mais vista ser, Sorveu-se n'água.
(C.C, VI. p 192, 193)

Após o episódio do afogamento de Moema, vem o remanso das águas e, a partir daí começa a narração e o efeito de história do Brasil acontecendo, sendo “inaugurada através da narração feita por *Diogo a Du Plessis* (comandante do navio que o leva a França) sobre o descobrimento do Brasil. Como podemos perceber nestes trechos do poema, o remanso das águas narrado imediatamente após a “eliminação” de Moema

XLIV

Voava então a nau na azul corrente,
Impelida de um zéfiro sereno,
E do brilhante mar o espaço ingente
Um campo parecia igual e ameno:
Encrespava-se a onda docente,
Qual aura leve, quando move o feno;
E como o prado ameno rir costuma,
Imitava as boninas com a escuma.
(C.C VI. p.193)

E na narração de Diogo, a Du Plessis sobre o episódio do descobrimento do Brasil:

XLVI

Dous monarcas (responde o lusitano)
 Já Sabes que no ocaso e no oriente
 Novos mundos buscaram pelo oceano,
 Depois de haver domado a Líbia ardente:
 E que onde não chegou grego, ou romano,
 Passeia o forte hispano e a lusa gente,
 Que instruídos na náutica com arte,
 Descobriram do mundo outra grã parte.
 (C. C VI. p 194)

Este trecho mostra a inversão do episódio do descobrimento em relação à narrativa da história universal.

(...)

País de gentes e prodígios cheios
 Da América feliz porção mais rica:
 Aqui do vasto oceano no meio
 Por horrível tormenta a proa aplica
 O ilustre Cabral com fausto ocaso
 Sobre graus dezesseis do nosso ocaso.
 (C,C VI, p195)

Na relação entre o mito e a história, Durão se volta para a obra e o relato de Rocha Pita e dele se apropria. Para justificar o mito fundador, o narrador subverte o sentido do dado tido como histórico.

A inversão fica clara com a criação de um personagem fictício para substituir uma personagem tida com histórica na cena do poema, narrada no canto VI, o episódio de *Moema*, já que segundo registros dos cronistas, foi uma índia chamada *Paraguaçu* quem seguiu a nado o navio de *Diogo*. Podemos ver isso nas notas sobre o Livro Primeiro da obra de **Rocha Pita**.

“... descobrindo um navio , que forçado de contrários ventos vagava flutuando pelo golfo da Bahia, em distancia que pôde fazer lhe senhas, sendo pelos mareantes vistas, lhe mandaram um batel, ao qual se lançou a nado fugitivo; e vendo a consorte que se lhe ausentava, levando- lhe aquela porção da alma, sem a qual lhe parecia já impossível” viver, trocou pelas prisões do amor, pelas contingências da fortuna e pelos perigos da vida,

(...)e lutando com as ondas e com os cuidados, seguiu o batel que recolheu a ambos, e os conduziu ao navio; era francês, e os transportou àquele reino.” (Rocha Pita, p. 40)

Este “dado,” figura a História do Brasil, no sentido de que elimina simbolicamente o selvagem, como já dissemos, e institui *Paraguaçu* como “mãe” do povo brasileiro. É a partir dela e de *Diogo* que “nasce” a população da Bahia, significando a população do Brasil. Com isso o narrador transforma um dado tido como verídico em ficção, *Paraguaçu* é eliminada da obra por ser selvagem, nomeada de *Moema*, enquanto que *Moema* uma personagem fictícia é eliminada da história, figurando a selvagem a verdadeira *Paraguaçu*.

A figuração da História do Brasil se faz presente em duas instâncias na obra de Durão: a partir da narração do enredo da obra na terceira pessoa em tempo presente e nas narrações feitas pelos personagens da obra, no tempo passado, como exemplo as narrações já citadas aqui, de *Diogo* a *Du Plessis* sobre o descobrimento do Brasil e a narração de *Pedro Álvares Cabral* sobre o momento da chegada dos portugueses na nova terra. Ao dar voz a esses personagens, Durão torna a obra verossímil, pois são personagens que fazem parte dos relatos históricos que tomados como enredo da obra: *Cabral* o descobridor do Brasil e *Diogo* o colonizador da Bahia.

Gupeva, chefe da tribo tupinambá, também ganha voz de narrador no canto III para relatar os costumes e tradições de sua tribo. Segundo Cunha, “esse é um artifício usado no poema por Durão pra expor as semelhanças entre índios e cristão – enquanto criaturas de Deus...”(59)

Gupeva só ganha voz no poema para enfatizar os propósitos religiosos que tomam a voz do índio na narrativa, para a recuperação do espaço da cristandade na História

Discorrestes por climas diferentes,
Sabereis d'outros homens separados,
 Descobertos talvez das vossas gentes

...
 E porque saibas mais do nosso costume.
 Onde julgues melhor da antiga origem,
 Dir-te-ei como, seguindo o impresso lume,
 As prudentes nações cá se dirigem;
 (C.C III, p 105)

A partir deste trecho do poema podemos perceber a hierarquia entre os homens: daqueles que negam a fé cristã e praticam a “falsa religião” e daqueles que estão afastados do dogma da igreja por falta de informação e ignorância, esses estão prontos a serem cristianizados.

Curiosamente, o relato do índio nobre que se cristianiza prontamente *Gupeva* apesar de narrar apenas sobre os “dados” concernentes ao universo supostamente indigna, o faz a partir da estrofe inaugural de “Os Lusíadas,” de Camões :

“As armas e os barões assinalados
 Que, da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
 (...)”
 (Os Lusíadas-Canto I. Estrofe I)

Diogo, no canto VII, narra em tempo presente, ao apresentar o Brasil ao Rei da França Henrique II, através da descrição exaustiva da fauna e flora do Brasil.

Neste canto, Durão pela voz de *Diogo*, apropria-se do discurso tido como histórico ao “copiar” os fatos, as imagens e a própria dicção dos relatos do cronista Rocha Pita, presente no primeiro capítulo da sua obra.

Sobre esta apropriação dos relatos dos fatos, Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira* (1993), vai dizer que:

...é uma pura e simples transposição em verso dos trechos correspondentes de Rocha Pita. Neste, a celebração da Floresta tropical, feita com bela e colorida prosa barroca, obedece tonalidade tão acentuadamente poética que Durão pôde copiar, não apenas a ordem da descrição, mas os conceitos, as imagens, as próprias palavras (...)” p. 172.

Podemos verificar essa apropriação discursiva feita por Durão, através destes trechos retirados do Livro Primeiro de Rocha Pita e de todo o canto VII da obra de Durão, pois o canto VII é cópia da obra de Rocha Pita. *“Das ervas naturais comestíveis são principais os quiabos, os jilós e os maxixes, as largas taiobas, peitoral maniçoba. (...) das medicinais (...) jalapa, filipódio, pau-da-china, sene, malva (...) a capeba (...) a caroba.”*(Rocha Pita p 28)

Trechos da obra de Durão :

XXXI
Nas Comestíveis ervas é louvada
O quiabo, o jiló, os maxixes,
A maniçoba peitoral prezada,
A taioba agradável nos comeres.
...
(C.C.VII, p217)

D'ervas medicinais cópia tão rara
Tem no mato o Brasil e na campina,
Que quem toda a virtude lhe explorara,
Por demais recorreu à medicina.
Nasce a gelapa ali, a sene amara,
O filopódio, a malva, o pau da china,
A caroba, a capeba, e mil que agora
Conhece a bruta gente e a nossa ignora.
(op. cit. p 218)

O gesto de interpretação da história re-significa o relato de Rocha Pita, para os padrões de epopéia. Com a apresentação da nossa fauna e flora, Durão imprime ao seu poema o esquema camoniano, uma linguagem barroca, fazendo com que o Brasil seja incluído e singularizado no cenário literário do velho mundo, através da representação de sua natureza como grandiosa e exótica. Ou seja, (incluído), fazendo parte da epopéia, a apropriação da crônica histórica aparece em tom de episódio simultaneamente verídico e ficcional. Podemos tomar como exemplo a cena onde Paraguaçu está dormindo à sombra de um caramanchão de maracujá.

Dormindo está Paraguaçu formosa,
Onde um claro ribeiro à sombra corre;

Lânguida está, como ela, a branca rosa,
 E nas plantas com calma o vigor morre:
 Mas buscando a frescura deleitosa
 De um grão maracujá, que ali discorre,
 Recostava-se a bela sobre um posto,
 Que encobrindo lhe o mais, descobre o rosto.
 (C. C IV, p120)

Ao tomar dessa cena, A. Candido(1918) afirma ser um dos momentos mais belos do poema, além de marcar a suspensão provisória da violência. No nosso entendimento há o gesto duplo do narrador de Durão ao mesmo tempo em que integra o mundo americano à tradição européia, funda a musa americana em seu lugar de suposta especificidade fora da história, mitificada, em relação de espelhamento com a natureza. Como podemos ver nestes trechos da obra em que Jararaca vê Paraguaçu:

No diáfano reflexo da onda pura
 Avistou dentro d'água buliçosa,
 Tremulando, a belíssima figura.
 Pasma, nem crê que a imagem tão formosa
 Seja cópia de humano criatura.
 E remirando a face prodigiosa,
 Olha de um lado e de outro, e busca atento
 Quem seja original deste portentoso. (C.C, IV)

“Caramuru”, “inaugura” de certa forma o bojo da tradição Romântica no Brasil, pois será a principal fonte dos Romancistas e poetas. Esta cena de Paraguaçu dormindo em baixo do pé de maracujá é uma típica cena tomada posteriormente pelo Romantismo mais a exaltação (platônica) da natureza, juntamente com a beleza idealizada da mulher heroína que servira para a fundação do ideal de Nação – Estado necessária para o século XIX.

O fato de Durão apresentar literariamente o Brasil ao velho mundo pela exaltação da natureza talvez nos faça entender por que o Brasil é conhecido através da

fauna e flora tropical, essa é parte da noção idôlica que circula do Brasil, a outra era o exotismo, o estranho.

A segunda instância em que podemos perceber a figuração da história do Brasil, se constitui pelas narrações feitas por Paraguaçu projetando o tempo futuro da narrativa. Ao tomar a voz como narradora, *Paraguaçu*, já denominada *Catarina*, passa a representar cristianização da história do país, ela só adquire “voz” para narrar, depois de batizada e casada com o herói cristão Diogo.

Quando Paraguaçu e Diogo voltavam da França para a Bahia, *Paraguaçu* entra em um sonho profundo e começa a narrar em forma de ficção, como se estivesse tendo uma visão de fatos tidos como verídicos que ocorreram no Brasil no século XVII. Neste caso, no plano de história que se encena na obra, Paraguaçu vê o futuro da Nação, a luta contra a invasão do francês Villegaignon, travada por Mem de Sá, a guerra dos portugueses contra aos holandeses pela retomada de Pernambuco etc. Todos esses relatos foram retirados de fontes historiográficas, que circulavam à época de Durão, inclusive da obra de Rocha Pita.

No último canto, *Paraguaçu*, ainda sob o êxtase da profecia sobre o futuro do Brasil, narra sobre a imagem de uma Santa, Nossa Senhora das Graças que os índios supostamente haviam roubado.

Este “fato” está presente na obra do cronista Rocha Pita (op cit p40), que escreve a partir de lendas locais, a crítica tem apontado que talvez Durão tenha criado uma ficção através de outra ficção, com esse gesto.

Sobre os presságios de Paraguaçu Pita relata que:

“Viviam na Vila Velha, quando por misterioso sonho de Catarina Álvares, acharam a milagrosa imagem da mãe de Deus, que saíra em uma coisa entre os despojos de um baixel castelhano, que navegando para as suas Índias, se perdera na costa de Boi peba (...). Foi levada a caixa em que se guardava a Santa imagem, por gentios (...)e como não conheciam divindade, tinham o Sagrado Simulacro sem culto, mas dentro da própria arca, em uma cabana(...)”(op cit p40)

Podemos perceber mais uma vez que Durão se apropria dos relatos e os transforma no mito épico. *Paraguaçu* já estava na Bahia quando sonhou com a santa.

Catarina (me diz), verás ditosa
 Outra vez do Brasil a terra amada;
 Faze que a imagem minha gloriosa
 Se restitua de vil mão roubada:
 E assim dizendo, nuvem luminosa,
 Como véu, cobre a face desejada;
 E faz que na memória firme exista
 Entre amor e saudade a doce vista.
 (C,C VIII,p 298)

Toda a narrativa de Durão oscila entre o discurso histórico e o ficcional, em que o autor relata fatos tidos como verdadeiros através de uma estrutura ficcional e dados fictícios como se fossem verídicos, dando assim veracidade à sua interpretação barroca.

O efeito de história funcionando do Brasil é construído a partir de dois pontos na obra de Durão: a história do descobrimento (passado) narrado por *Diogo Álvares*, fazendo com que se compreenda o futuro que é narrado por *Paraguaçu*, então denominada *Catarina*.

Para entender melhor o que nós discutimos na obra “*Caramuru*”, de Durão, veremos o que os filósofos Hayden White com o seu texto “O texto Histórico como Artefato Literário”(1974) e Ligia Chiappini Moraes Leite em “História e Ficção: A concepção Aristotélica e seus desdobramentos presente na obra “O Foco Narrativo”. Vão dizer sobre isto.

White (1974; 106) vai dizer que “tal como a Literatura, a História se desenvolve por meio da produção de clássicos , cuja natureza é tal que não podemos invalidá-los nem negá-los” (p106).

A história possui algo que é mítico, pois os fatos são interpretados pelo historiador para que se possa criar a narrativa histórica, essas narrativas são compostas

por fatos estruturados ficcionalmente, pois a história é discursiva e a ficção é a estrutura da narrativa.

Segundo Ligia o discurso histórico não é portanto, ideológico apenas pelas idéias que explicitamente defende, mas também pela sua própria estrutura: é uma elaboração ideológica ou imaginária, enquanto é uma elaboração lingüística. Ou seja, os fatos históricos vão ter o significado que os historiadores derem a eles, pois estes não significam sozinhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a obra de Santa Rita Durão possui dados que significam a nossa história, dado este que os críticos da obra nunca discutiram.

O autor conta a história de seu país, os fatos verídicos através de uma estrutura fictícia. Esta análise procura mostrar esses dois pontos presentes na obra. A História do Brasil começa a ser narrada a partir do canto IV com a narração do herói providencial cristão ao comandante do navio francês Du Plisse sobre o nosso descobrimento. Este é apenas um dos pontos da obra **Caramuru**, a ser discutido, mas ainda há muito a se discutir nessa obra literária.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ARISTÓTELES. *Arte Poética e Arte Retórica*. Trad. Eudore de Souza. Col. Universidade de Bolso. São Paulo, 1916.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 41 ed. Cultrix, São Paulo: 1994
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)- in O Passadista – 1º volume (1750- 1836)*. 7 ed. Itatiaia, Belo Horizonte: 1993.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*, 8 ed. T.A Queiroz Editor: São Paulo: 2000
- CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula. (caderno de análise)- in Movimento e Parada - 5 ed. Ática, São Paulo, 1995.*
- DURÃO, Santa Rita. *Caramuru – Poema épico do descobrimento do Brasil*. Martins Fontes: São Paulo, 2001.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. 1902-1982, *Capítulos de Literatura Brasileira Colonial*; in *Epopeias sacras e O Mito Americano*- organização introdução de Antonio Candido. São Paulo, Brasiliense: 2000

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CHAUI, Marilena. *Mito Fundador e Sociedade autoritária*. Ed Fundação Perseu Abramo. 2000.

PÉCORA, Alcir. Organização, introdução, cronologia, argumentos e sumários. *Sermões: o modelo sacramental*. Ed Hedra, 2003.

PITA, Sebastião da Rocha, 1660-1738. *História da América Portuguesa*; Belo Horizonte, Itatiaia: São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo: 1976

WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso*. Ensaios Sobre a Crítica da Cultura. Edusp. 1974.

VIRGÍLIO, *Eneida*. Trad. David Jardim Junior. Ediouro, Rio de Janeiro.